



Lua Nova

ISSN: 0102-6445

luanova@cedec.org.br

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea
Brasil

Ricupero, Bernardo
Da formação à forma. Ainda as "idéias fora do lugar"
Lua Nova, núm. 73, 2008, pp. 59-69
Centro de Estudos de Cultura Contemporânea
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67311189003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DA FORMAÇÃO À FORMA. AINDA AS “IDÉIAS FORA DO LUGAR”

Bernardo Ricupero

Uma das formulações mais atacadas, e mal compreendidas, da crítica da cultura brasileira é a das “idéias fora do lugar”. Sucintamente, Roberto Schwarz, ao discutir o liberalismo no Brasil do século XIX, nota que o que era originalmente ideologia na Europa, converte-se, nos trópicos, quando muito, em ideologia de “segundo grau”.

À primeira vista, a observação do crítico sobre o liberalismo no Brasil oitocentista não é muito diferente da avaliação realizada pelos conservadores da época e autores posteriores, como Oliveira Vianna e Wanderley Guilherme dos Santos. Schwarz admite inclusive que sua interpretação parte de um “sentimento de despropósito” (Schwarz, 1999, p. 82) mais generalizado quanto à relação entre referências intelectuais estrangeiras e o ambiente social brasileiro. Mas enquanto os conservadores Oliveira Vianna e Wanderley Guilherme dos Santos vêem o problema no liberalismo – pretensamente utópico ou até vítima de uma espécie de “fetichismo institucional” – ele identifica o nó da questão na sociedade escravista brasileira do século XIX.

Ou melhor, o liberalismo na Europa corresponderia às aparências, num contexto onde prevalecia o trabalho

livre e a igualdade perante a lei. Já no Brasil, onde o trabalho escravo era dominante e, consequentemente, relações materiais de força eram normais, a exploração se revelaria sem subterfúgios. Mas aqueles que não eram escravos se relacionariam, para além da força, por meio do favor e, dessa maneira, afirmariam sua condição de homens livres.

Em outras palavras, ao passar a fazer parte das idéias e práticas que regulam as relações entre os homens livres, o liberalismo seria incorporado ao favor. Tornar-se-ia, consequentemente, uma ideologia de segundo grau. No entanto, a referência ao liberalismo no Brasil teria base real, até porque o país faz parte do capitalismo mundial. O mais complicado é que seria justamente a escravidão, ao fornecer os braços exigidos pela lavoura, que garantiria um lugar para o país na divisão internacional do trabalho e, dessa maneira, entre as nações ditas civilizadas. Isto é, a vinculação do Brasil com a ordem burguesa, do qual o liberalismo é parte importante, se daria, para dizer o menos, de maneira pouco civilizada.

Por outro lado, o liberalismo, ao se converter em ideologia de segundo grau, perderia seu caráter universalista, passando a defender interesses particularistas. Configurar-se-ia, assim, uma verdadeira “comédia ideológica”, em que, “com método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio, etc.” (Schwarz, 1992, p. 18).

Os críticos de Schwarz argumentam, porém, que não faz sentido se falar em “idéias fora do lugar”. Mais especificamente, defendem que, se certas idéias não fossem “funcionais”, ou melhor, “adequadas” a determinada realidade social, não haveria como e por que perdurarem. Especialmente no que se refere ao liberalismo, lembram que a escravidão não é incompatível com essa doutrina, como já indicavam os escritos de alguns de seus principais teóricos, como John Locke, Adam Smith, Jean-Baptiste Say etc.

A crítica mais conhecida da formulação das “idéias fora do lugar” é, provavelmente, a de Maria Sylvia de Carvalho Franco, ironicamente, a principal inspiradora para que Schwarz preste atenção ao papel do favor na sociedade brasileira do século XIX. Não obstante, a autora de *Homens livres na ordem escravocrata* defende, contra o argumento da inadequação de idéias à realidade, que nela está implícita uma relação de exterioridade entre as primeiras, originárias do centro capitalista, e o ambiente social brasileiro.

A partir daí, Carvalho Franco baseia sua crítica na vinculação, correta por sinal, da tese das “idéias fora do lugar” à teoria da dependência. Segundo ela, a caracterização que tal teoria faz da relação entre antigas metrópoles e colônias, os pólos centrais e periféricos do capitalismo, como de oposição e até incompatibilidade – sugerindo-se, mesmo, que nas duas situações prevaleceriam diferentes modos de produção – inspiraria a formulação das “idéias fora do lugar”.

Carvalho Franco, por sua vez, sustenta que centro e periferia fariam parte do mesmo modo de produção, favorecendo momentos diferentes do processo de constituição e reprodução do capital. Os dois pólos, entretanto, carregariam “o conteúdo essencial – o lucro – que percorre todas as [...] determinações” (Carvalho Franco, 1976, p. 62) do capitalismo.

Fica indicado, assim, que a autora equivale capitalismo à busca do lucro. Nessa postura, Carvalho Franco se aproxima de toda uma corrente de interpretação do Brasil, da América Latina e, de forma mais ampla, do capitalismo, também ela dependentista, mas com atitude diferente daquela mais próxima da tese das “idéias fora do lugar”.

Contudo, identificar o capitalismo com a perseguição ao lucro talvez crie obstáculos à adequada percepção, como bem notaram alguns daqueles que melhor estudaram o tema, do caráter peculiar desse modo de produção. Naquilo que mais nos interessa aqui, como originários de países que foram colônias e hoje são periféricos, perde-se

de vista a particularidade de nossa situação no capitalismo internacional.

Até porque afirmar que o Brasil está ligado ao capitalismo desde o início de sua história, tendo desempenhado importante papel na acumulação primitiva, não é a mesma coisa que dizer que a formação social brasileira é capitalista desde sempre. Ou melhor, caso não entendermos o capitalismo como simples busca do lucro, o que tornaria esse modo de produção bastante abstrato e, a rigor, nem mesmo um modo de produção específico, mas como o predomínio de relações mercantis na esfera da produção, constataremos que o Brasil, a América Latina e, em geral, os países periféricos têm uma relação bastante difícil com o capitalismo.

Outra visão sobre a relação de idéias originalmente europeias e a realidade brasileira é a fornecida por Carlos Nelson Coutinho e Alfredo Bosi, segundo os quais, entre os dois elementos da fórmula apareceriam, como uma espécie de filtro, os interesses das classes presentes na sociedade. No entanto, essa postura, como indica o próprio Schwarz, não inviabiliza o argumento das “idéias fora do lugar”, podendo, ao contrário, sofisticá-lo (Coutinho, 1976; Bosi, 1992; Schwarz, 1999).

A sofisticação se daria com o reconhecimento que se estabeleceria entre as idéias e a realidade mediação, representada pelos interesses. Percebida a existência de filtros, seria difícil insistir numa atitude mecanicista diante da tese das “idéias fora do lugar”, já que se teria que admitir que nem todas as idéias poderiam agir livremente, ou ao menos, manter-se no ambiente social, mas apenas as que correspondessem a interesses efetivos. Por outro lado, não é porque se reconhece a presença de interesses de classe entre as idéias e o ambiente social que se deve imaginar que o sentimento de desconforto diante da realidade, presente pelo menos desde a independência, desapareça.

Mas voltemos a Schwarz. Como é bem sabido, o argumento das “idéias fora do lugar” insere-se num conjunto de

trabalhos do crítico sobre Machado de Assis. O ensaio em questão serve para que se mobilize a matéria ideológica do qual são feitos os romances maduros de Machado. Mais especificamente, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o antigo agregado de *Iaiá Garcia* teria assumido o ponto de vista dos senhores de escravo, indicando a “desfaçatez de classe” desse grupo social. Pode-se dizer que a “desfaçatez de classe” se refere precisamente à situação do grupo senhorial, como vimos, dependente da escravidão, mas que sente a necessidade de reproduzir boa parte das referências ideológicas europeias, verdade que esvaziadas de seu conteúdo original.

Por outro lado, os romances de Machado de Assis, ao mesmo tempo em que incorporam uma dada realidade social, também fazem parte de um conjunto de trabalhos que pretendem criar a literatura brasileira. Os dois desenvolvimentos são mesmo, até certo ponto, complementares. De início, é bastante comum, em literaturas em situação similar à brasileira, traduzir obras europeias, ou então decalcar, sem maiores cuidados, seus enredos num novo cenário, feito, por exemplo, de palmeiras e papagaios (Moretti, 2000; Schwarz, 1992). Mesmo quando isso não acontece e os romances desenrolam-se num ambiente urbano aparentemente similar ao europeu, falta veracidade às cortesãs, aos estudantes pobres e aos capitalistas que os povoam, até porque, aqui, cidades, cortesãs, estudantes pobres e capitalistas não são em nada parecidos com os do “Velho Mundo” (Sarmiento, 1996, p. 151).

É preciso, portanto, esperar para que as condições brasileiras sejam internalizadas na nossa literatura, não mais como exotismo forçado e reprodução de fórmulas prestigiadas, ou para falar como o próprio Machado de Assis, apareça nas obras saídas da pena do autor brasileiro “certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país” (Machado de Assis, 1997, p. 894), que o aproxima de escritores naturais de qualquer parte. No autor em questão,

isso ocorreria quando encontra sua voz narrativa no senhor de escravos, que tenta se passar por civilizado.

Mas para que Machado possa ter aparecido, antes, José de Alencar escreveu seus romances, para não falar de Joaquim Manuel de Macedo e mesmo de Antonio Gonçalves Teixeira de Sousa. Ou seja, a formação realiza-se mais plenamente quando é capaz de expressar-se na forma. Por uma via similar, *Um mestre na periferia do capitalismo* só foi possível porque antes apareceu *Formação da literatura brasileira*¹.

Sugerimos, assim, que “as idéias fora do lugar” mais do que expressarem um fato – a inadequação de certas referências intelectuais a um dado contexto social – indicam um processo, de formação, que se completaria na forma, até porque, como já afirmava o jovem Lukács em trabalho clássico sobre o tema, no momento que se passa a ter forma há “a conciliação do exterior e do interior” (Lukács, 1974, p. 21)².

64 Nesse sentido, pode-se considerar que a forma não é social apenas por realizar a mediação entre escritor e leitor, mas por fornecer o próprio material com o qual o autor e o público lidam. Sua existência vai, portanto, além da consciência, sendo possível até se falar em algo como uma forma objetiva, expressão de certas condições históricas e sociais.

Por outro lado, a formação pode, também a partir de certas condições históricas e sociais, realizar-se ou não mais plenamente na forma. A tendência predominante é, mesmo, que ela não se complete inteiramente, até porque a forma auto-suficiente é um caso limite.

Schwarz indica, em outras palavras, que países periféricos, como o Brasil, teriam que tomar emprestado de países centrais formas, como o romance, o sistema parlamentar, as normas jurídicas e tudo mais que os tornassem “civilizados” (Arantes, 1992; Palti, 2007). No entanto, suas condições

¹ Sobre a forma em Schwarz, ver Waizbort (2002).

² Outro trabalho importante sobre o tema é Lukács (1976).

sociais teriam pouco em comum com as que produziram originalmente essas formas, o que faria com que sofresssem “torção”, tornando-se praticamente irreconhecíveis³.

Paradoxalmente, nessa “torção”, operada na periferia capitalista, se encontraria a verdade do centro capitalista. Até porque muito do que é encoberto no centro poderia ser revelado, sem maiores subterfúgios, na periferia. Já Marx notara que o grande mérito de E. G. Wakefield não teria sido “ter descoberto algo novo sobre as colônias, mas ter descoberto nas colônias a verdade sobre as condições capitalistas da metrópole” (Marx, 1982, p. 296), a escravidão *sans phrase* do novo mundo revelando o que seria realmente o trabalho livre, forma de escravidão disfarçada que prevalecia na metrópole. Tal situação ajudaria a explicar muitas das realizações da literatura russa assim como as de um autor como Machado de Assis, “mestre na periferia do capitalismo”.

Não deixa de ser sugestivo perceber que naquele que talvez tenha sido o primeiro país periférico, a Alemanha, apareceu um subgênero literário: o romance de formação. Em compensação, o romance como gênero teve grande dificuldade de se consolidar no país⁴.

Há, além do mais, algumas interessantes diferenças entre os romances usuais e os romances de formação. Como

³ A periferia capitalista não é, entretanto, homogênea. A experiência latino-americana, em particular, é muito diferente da asiática e da africana. Ao passo que esses continentes possuem uma cultura distinta e que muitos consideram como superior às demais, somos o produto da expansão ultramarina européia. Assim, faz sentido para o indiano Partha Chatterjee afirmar que “os resultados mais poderosos e criativos da imaginação nacionalista na Ásia e na África encontram-se não como identidade, mas como diferença em relação às formas de sociedade nacional propagadas pelo Ocidente moderno” (Chatterjee, 1993, p. 5). Por outro lado, é também factível para o mexicano Octavio Paz defender o oposto: “Nueva Espana no busca ni inventa: aplica y adapta. Todas sus creaciones, incluso la de su próprio ser, son reflejos de las españolas” (Paz, 2001, p. 111).

⁴ Como exemplo da dificuldade dos escritores alemães de escreverem romances, Bernard Lortholary lembra que Novalis e Tieck não chegaram a acabar os que tinham começado, enquanto Mórike e Keller publicaram versões sucessivas dos seus (Lortholary, 1999).

nota Mikhail Bakhtin, na maior parte dos romances o herói se movimenta pelo espaço, pelo ambiente social, passando, por exemplo, de mendigo a rei, sem, contudo, se modificar (Bakhtin, 1997). Isto é, sua situação se transforma, mas ele permanece o mesmo. Já o tema do romance de formação é a própria transformação do herói, que como que constrói a si mesmo e à sua personalidade.

Também não é mero acaso que num país com passado colonial, como o Brasil, a formação seja um tema recorrente para seus intelectuais. Assim, boa parte dos livros mais importantes sobre o país ostenta, como nota Paulo Arantes, a palavra formação em seu título (Arantes, 1997)⁵.

Fazem parte desse quase gênero, livros como *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Jr., *Formação econômica do Brasil* (1958), de Celso Furtado, *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Cândido, e *Formação política do Brasil* (1967), de Paula Beiguelman. Não menos interessante é notar que o subtítulo de *Casa grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre, indica que se discute a “formação da família patriarcal brasileira”, e o de *Os donos de poder* (1958), de Raymundo Fao-ro, explicar que se trata da “formação do patronato político brasileiro”. Por fim, o título de um livro como *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, não esconde que é a mesma ordem de preocupações que o inspira.

Percebe-se, a partir daí, que, se o problema dos romances de formação é a passagem da juventude para a vida adulta, em boa parte dos livros sobre o Brasil que ostentam a palavra formação em seu título a preocupação é com o estabelecimento de um quadro social mais autônomo, nacional, que se contraporia à situação anterior, de subordinação colonial. Isso pode inclusive ser expresso em domínios variados e de maneiras diferentes. Por exemplo, na criação de um sistema literário em que existam escritores, leitores e

⁵ Ver, também, em Schwarz (1999), o texto “Os sete fôlegos de um livro”.

uma linguagem, tal como analisado por Antonio Cândido. Ou, numa outra referência, “na emergência de um sistema cujo principal centro dinâmico é o mercado interno”, para falar como Celso Furtado (1991, p. 233).

No entanto, já nesses autores a diferença na análise é sensível. Uma coisa é falar em formação da literatura brasileira e outra em formação econômica do Brasil. O primeiro processo é completado por volta do final do século XIX, quando aparece o grande romancista brasileiro, Machado de Assis. A outra formação, a da economia brasileira, é, por sua vez, um processo truncado, isso se a construção não foi interrompida.

Mais importante, a realização mais plena de um processo de formação não pressupõe que outro se complete. Assim, a formação da literatura brasileira se completa em Machado não só devido ao estabelecimento de um sistema literário no período em que o autor é ativo, mas também, em grande parte, em razão da sua capacidade de internalizar na sua obra as condições de uma determinada sociedade, ironicamente, malformada⁶.

É possível, portanto, identificar em Furtado, assim como em Prado Jr. e Buarque de Holanda, uma dimensão normativa, que se encontra ausente ou, ao menos, atenuada em Cândido, que mais do que defender a formação da literatura brasileira, como fizeram, no século XIX os críticos românticos, quer descrever como esse processo se deu. Diversas ainda, mesmo que situadas em pólos opostos, são as posturas de Freyre e de Faoro. O primeiro, ao estudar a “formação da família patriarcal brasileira”, tem uma visão positiva do processo, ao passo que o segundo considera que a “formação do patronato político brasileiro” praticamente nos faz prisioneiros do estamento burocrático, que pelo menos desde Dom João I usurparia a soberania.

⁶ Ver em Schwarz (1999), o texto “Os sete fôlegos de um livro”.

Mas todas essas análises não deixam de apontar para uma certa tensão na relação entre forma e ambiente. Esse é também um dos pontos mais interessantes da formulação das “idéias fora do lugar”, que parece escapar aos seus críticos. Para além dos críticos, a noção de forma abre possibilidades que estão bloqueadas para outros conceitos, com carga menos conflitiva.

Mesmo quando bem utilizados, tendem a perder de vista a difícil relação entre referências intelectuais originalmente estrangeiras e a realidade social na qual atuam. Fica-se com a impressão de que, independente do ambiente social, é sempre possível recorrer a variadas referências intelectuais, ao passo que não deixa de ser indicado que a adequação das formas aos contextos em que são ativas é um processo difícil e não sempre realizado.

68

Esse parece ser particularmente o caso no momento atual, que poderia até nos sugerir que a referência à idéia de formação se tornou obsoleta. Isto é, se a possibilidade de não realização da formação sempre esteve implícita na literatura sobre o tema, isso parece ser particularmente o caso no Brasil de hoje. Além de tudo, essa situação se torna também, cada vez mais, realidade nos países que sempre nos serviram de modelo, que, antes, nos pareciam tão bem formados.

Por outro lado, por paradoxal que possa parecer, nossa má-formação talvez ganhe especial interesse, já que se generaliza, ganha caráter mundial...

Bernardo Ricupero

é professor do Departamento de Ciência Política da FFLCH/USP

Referências bibliográficas

ARANTES, P. 1992. *Sentimento de dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
_____. 1997. “Providências de um crítico literário na periferia do capi-

- talismo". In: _____. ARANTES, Otilia. *Sentido da formação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BAKHTIN, M. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOSI, A. 1992. "A escravidão entre os dois liberalismos". In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARVALHO FRANCO, M. S. de. 1976. "As idéias estão em seu lugar". *Cadernos de Debate*, nº 1.
- CHATTERJEE, P. 1993. *The nation and its fragments: colonial and postcolonial histories*. Princeton: Princeton University Press.
- COUTINHO, C. N. 1976. "Cultura brasileira: um intimismo deslocado, à sombra do poder?". *Cadernos de Debate*, nº 1.
- FURTADO, C. 1991. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LORTHOLARY, B. 1999. "Préface". In: GOETHE, J. W. *Les années d'apprentissage de Wilhelm Meister*. Paris: Éditions Gallimard.
- LUKÁCS, G. 1974. "A propos de l'essence et de la forme de l'essai: une lettre à Leo Popper". In: _____. *L'âme et les formes*. Paris: Éditions Gallimard.
- _____. 1976. *Il drama moderno*. Milano: SugarCo Edizioni.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. 1997. "Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade". In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, vol. III.
- MARX, K. 1982. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1 e 2.
- MORETTI, F. 2000. "Conjectures on world literature". *New Left Review*, nº 1.
- PALTI, E. 2007. "Lugares y no lugares de las ideas en América Latina". In: _____. *El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- PAZ, O. 2001. *El peregrino en su patria. Historia y política de México*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- SARMIENTO, D. F. 1996. *Viajes*. Madrid: ALLCA XX.
- SCHWARZ, R. (org.). 1992. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades.
- _____. 1999. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WAIZBORT, L. 2002. "Influências e invenção na sociologia brasileira". In: MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: Sumaré, vol. IV.